



PORTÃO DO PALACIO DE PALHAVÃ.

A nossa estampa representa o portão do palácio de Palhavã. Em um dos proximos numeros daremos a fachada principal, verdadeiro primor d'arte, que attesta a magnificencia regia. Guardamos para então a descripção do edificio.

DILLUVIO DE AGOA E FOGO QUE SE FES NA ILHA DE S. MIGUEL DE QUE HE CAPITAM MANUEL DA CAMARA E BISPO D. MANUEL DE ALMADA, E ISTO ACONTECEO NO ANNO DE 1563.

Conclusão.

Ao sab.º seguinte deu mais lugar a pedra e se vio o sol. E comessou a gente acaminhar p.º a Cidade

(\*) Do num. 46.

VOL. V.—3.ª SERIE.

q. he p.º onde se poem o sol levando diante de sy o gado p.º lhafazer os caminhos epizar a sinza e poo q. corria e asy p.º mātimento da gente por lhe parecer q. toda a ilha assim estava comtenção q. comerião delles ate virem navios q. os salvaçem, indo assim o Povo de seis frezguesias q. os outros não podiamvir por estarem mais na ponta da Ilha indo ja duas legoas se alevantou pordiante hum grande vento q. levantou muito poo e fes grande escuro q. cuydou a gente q. ahy fosse sua fim e pegados huns nos outros passarão hua legoa fora do poo aonde passarão hua ribr.º a qual á sua chegada por cho-ver na serra vinha tamanha fora de madre q. era espato a qual ribr.º hera de lodo e pedras e por o gado que levava hir buscar agoa foy levado muito

DEZEMBRO, 6, 1856.



delle ao mar e se salvou a gente e passou paçado o impeto, e andarão outra legoa com muito trabalho dos meninos q. hião a pee de tres e de quatro annos que seg.<sup>o</sup> o trabalho que levavão e o podião sofrer he de crer q. os anjos os levavão pellas mãos andando assy hua legoa chegarão a V.<sup>a</sup> da Ribr.<sup>a</sup> grande ode cuydavão q. ahy acharião algum remedio e acharão a V.<sup>a</sup> toda derribada q. cahira do tremor da terra e a Ribeira q. pello meyo della passava vinha muito grande q. passava por cima das pontes esperando assy o povo que a Ribeira abayxasse pasarão mais avante hua legoa a hu Lugar que se chama Rabo de peixe onde acharão toda agente e povo da Ribr.<sup>a</sup> grande onde fomos agazalhados e achamos agoa de possos e carnes dos gados q. levavamos conosco e favas secas q. comião sempam por não haver q.<sup>m</sup> moesse nem fornos p.<sup>a</sup> coser q. tudo estava no chão e nos Campos se acolhia agente, e o povo que assim veyo deste trabalho seriam duas mil almas E da V.<sup>a</sup> da Ribr.<sup>a</sup> grande q. neste lugar se acolheo serião outras duas mil almas q. todas quatro mil almas estarão neste lugar.

Este pico da Lagoinha q. assim arreventou elança esta pedra e sinza sobre estas outo legoas de terra fez hua concavidade na boca emredondo tinha legoa e meya de terra e de Altura p.<sup>a</sup> bayxo ao fundo seria hum quarto de legoa e neste fundo está hum fogo no meyo q. sera dous alq.<sup>rs</sup> de semeadura o qual fogo lança muitas pedras tamanhas como pipas muito altas com muito grandes brados e estrondos que se ouvem a doze legoas e tornão a cahir outra ves no fogo e isto pella fraqueza ja do fogo e altura da terra por estar o fogo ja no fundo da terra e estar muito fundo e a hua parte deste fogo lança hua furna muito poo negro dagrossura de hua Caza muito alta etorna a cahir na furna. a Lagoagrande q. assim disse q. estava ao pe deste pico ficou nesta concavidade seca e a Ribr.<sup>a</sup> q. disse q. hia ter a V.<sup>a</sup> Franca q. tinha as moendas ficou a sua naçença nesta Cova e assim a Ribr.<sup>a</sup> q. vay da V.<sup>a</sup> da Ribr.<sup>a</sup> grande e nunca a mais viram por estar tanto no abismo esta Concavidade de q. se arreventarem sera por bayxo da terra como assim digo e neste fogo ja não pode fazer mais mal porq. esta muito fundo.

## DO SEGUNDO FOGO.

Aos dous dias do mes de Julho do d.<sup>o</sup> anno de 1563 de N. Sr.<sup>a</sup> da Vizitação no meyo deste trabalho q. acima contey entre a V.<sup>a</sup> da Ribr.<sup>a</sup> grande e a V.<sup>a</sup> da Alagoa em hua incruzilhada de Caminhos q. esta meya Legoa da V.<sup>a</sup> da Ribr.<sup>a</sup> grande e meya legoa da V.<sup>a</sup> da Alagoa se começou a asender hum fogo em o Caminho q. vay p.<sup>a</sup> a pontedelgada o qual fogo começou a subir p.<sup>a</sup> hum pico muito alto q. se chama do Sapatr.<sup>o</sup> o qual esta no começo destas serras de outo legoas q. assim faley para o poente e se pos este fogo ensima do pico e dahy começou a lançar de sy muytas pedras ardendo as quais cahirão de redor do pico dous tiros de besta isto com grandes estrondos e bramidos de fogo e com grande fumaça muyto negra e quando veyo ao D.<sup>o</sup> seguinte q. herão quatro do mes estava já o pico meyo comido do fogo e partido pello meyo de alto abacho e neste meyo estava a mayor parte do fogo o qual fazia tão grandes estouros que na Ilha 3.<sup>a</sup> q. são vinte legoas os ouvião e quando veyo a 3.<sup>a</sup> fr.<sup>a</sup> q. são 20 do mes comessarão a correr rios de fogo ao mar q. esta da hy a meya legoa, e os rios herão de muyta pedra q. vinha ardendo e fazendo muytos terremo-

tos este pr.<sup>o</sup> rio veyo por hua ribr.<sup>a</sup> de Agoa abaixo e levou hum lugar q. se chama a ribeira seca q. he arabalde da V.<sup>a</sup> da Ribr.<sup>a</sup> grande levando as cazas ao mar e as Igrejas, a largura deste rio sera de trinta Braças, e o segundo rio comesou a sesta fr.<sup>a</sup> q. forão nove do mes começou a correr outro rio de fogo q. foy por outra banda e levou huns Cazais ao mar e a minha partida não hera feyta mais perda. E esperava-se este pico lançar mais rios e fazer mais perda por estar em grande crescimento.

A pedra pomes q. corria pellas ribr.<sup>as</sup> abayxo nestes lugares e villas q. a terra cobrio se ajuntou no mar e fazia Ilheos de hua legoa de comprido e do terço de largo pouco mais ou menos estes Ilheos herão muytos assim da banda do Sul como do Norte foy achada esta pedra pomes sessenta legoas ao mar para o nacente q. he o caminho para o reyno de Portugal, e andava tão basta pello mar q. os navios faziam o caminho por ella descobrindo a agoa q. a pedra trazia cuberta.

E vindo p.<sup>a</sup> o reyno sessenta legoas da d.<sup>a</sup> Ilha de S. Miguel vespora de Santa Marta 28 de Julho ao meyo dia se vio sobre a Ilha de S. Miguel pellos mariantes q. vinha grande negregume e seração da qual sabião grandes relampagos e trovões e rancos q. pareciam ser como os passados e ate anoute esteve sempre o negregume da mesma manr.<sup>a</sup> sem se mudar p.<sup>a</sup> outra parte, e os mariantes amaynarão as vellas e se chegarão onze navios q. vinhão todos huns p.<sup>a</sup> os outros por não saberem o q. seria e como foy noyte veyo a d.<sup>a</sup> trovada sobre elles sem vento nem agoa e a fuzilar e relampagos tão grandes q. alumivão todo o mar e diziam os mariantes que nunca viram relampagos q. dessẽ tanta claridade e contra a madrugada choveo pouca agoa e amenheçendo secarão os trovões e tromenta de q. se teme poder haver mais perda na Ilha o q. Deos não permita.

Dezia-se q. El Rey nosso senhor perdia muyto E assim Manoel da Camara e D. Gil Eanes D. Catharina Fr.<sup>a</sup> E Manoel Alves e outros fidalgos e moradores da terra e perdas muyto grozas e disto senão soube a certeza e pois o não declara o Autor destas novas q. tudo escreve por se achar prezente nestes trabalhos.

## O MICROSCOPIO.

O homem tinha sido dotado pelo Creador de aparelhos proprios para os usos ordinarios da vida; mas incapazes de lhe servirem para as indagações a que elle desejava proceder.

O aparelho visual apesar de ser um dos mais perfectos, só servia entre certos limites; os objectos collocados a grande distancia eram invisiveis; os objectos proximos, mas demasiadamente pequenos, escapavam á observação. Tornava-se necessario inventar instrumentos que podessem augmentar as dimensões dos corpos mui pequenos, e outros que fizessem ver como proximos os objectos distantes. O acaso favoreceu o homem.

Duas creanças brincando na loja de um vidraceiro descobriram o telescopio: o microscopio já era conhecido.

Todo o instrumento que collocado entre o olho e os objectos proximos os faz parecer maiores do que elles são, diz-se um *microscopio*; o augmento que elle produz constitue o seu poder amplificador, que pode chegar a mil e cem vezes o diametro real do objecto; não excede este numero segundo as melhores opiniões.



O microscopio não é hoje um instrumento que deva ser manejado por um ou outro curioso, é um instrumento de que todo o homem de sciencia precisa servir-se, e a cada momento.

O zoologista d'elle precisa para estudar animaes que pela sua tenuidade escapam á vista, e que se dizem por isso animaes microscopicos, ou partes de animaes mui pequenas e delicadas, assim a tromba da mosca, as escamas das azas das borboletas, a unha da aranha, os apparatus de geração e nutrição de muitos d'elles, etc.

O botânico serve-se do microscopio a todo o momento, sobre tudo no estudo das flores, vendo a disposição dos ovarios, ovulos, etc.; estudando o polen, a anatomia vegetal, etc. etc.

O microscopio é inseparavel do mineralogista, é com o seu auxilio que elle conhece e determina as formas dos cristaes que se acham sujeitos ao seu exame, etc.

O chymico reconhece a pureza, ou falsificação de um grande numero de substancias, assim basta o exame microscopico para distinguir as substancias feculentas umas das outras; e d'ahi vem a applicação que em medicina legal tem o uso d'este instrumento.

O facultativo estuda a histologia humana, vae ver a fibra muscular e nervosa, o sangue e os differentes liquidos de economia, aprende a distinguil-os, estuda differentes funcções, sobre tudo a da circulação, determina a natureza dos productos pathologicos de toda a ordem, como calculos, tumores, etc., n'uma palavra, o uso do microscopio é hoje indispensavel a todos os que professam as sciencias phisicas.

Serve nas alfandegas para examinar o fio de differentes mercadorias e conhecer a sua natureza.

Em todos os paizes civilizados differentes individuos se tem dedicado especialmente aos trabalhos microscopicos, os quaes réquerem pratica para observar o que se pode observar immediatamente, e sobre tudo pratica e habilidade para preparar as peças que não se podem observar immediatamente.

São os especialistas na materia que chegam a adquirir tal confiança nas suas observações, que não duvidam jurar sobre as conclusões que d'ellas se seguem. Lembra-nos um facto que teve lugar ainda não ha muito, em que o emprego do microscopio serviu para descobrir um ladrão.

Por um dos muitos caminhos de ferro que cruzam a França, enviava um negociante algumas caixas com mercadorias; a locomotiva parava em diversas partes antes de chegar ao lugar do seu destino. No fim da viagem imagine-se qual seria o espanto do correspondente do negociante encontrando as caixas cheias de areia: tratou de procurar o culpado, impossivel de descobrir; então lembrou alguém examinar a areia ao microscopio, e comparal-a com amostras vindas das localidades onde o trem parava. Procede-se ao exame, e o microscopista determina a localidade a que a areia pertence. Estabelece-se uma devassa e encontra-se o delinquente.

Esta anedota só serve para mostrar até que ponto chega a perfeição dos instrumentos modernos, e a sciencia dos que d'elles se servem.

O microscopio teve sua epoca de luta com os preconceitos geraes, succedeu-lhe o mesmo que succede a tudo que é grande: os zoilos são muitos em todas as nações, disseram que de nada servia, que cada um via o que queria, que induzia a erros e muitas outras coisas, que elles provavam com mais ou menos argumentos; alguns homens dedicados continuavam

seus esforços, constructores d'instrumentos os coadjuvavam, e o microscopio se ia levantando apesar de tantos inimigos. Hoje os tempos vão outros. O microscopio está acreditado, hãode querer d'elle mais do que pode dar; triste condição nossa; primeiro despresamos, como insignificante, o que depois elevamos a uma posição impossivel de sustentar, até que afinal o tempo faz a devida justiça e as coisas voltam ao lugar que lhes pertence.

Em França mr. Robin é hoje o homem mais entendedor sobre o objecto de que tratamos, e nos seus cursos theoreticos e praticos vae derramando seus conhecimentos por um auditorio avido de sciencia; obras magistraes tem saído de suas mãos e muitas outras se esperam do celebre professor. Em Lisboa algumas observações microscopicas se tem feito principalmente em botanica, em anatomia e physiologia.

Na Allemanhá e na Inglaterra prosegue-se com todo o ardor nos estudos ao microscopio, objectos de toda a especie são submettidos ao exame, muitos d'elles desenhados e depois reproduzidos pela gravura, lithographia e photographia. Atlas riquissimos se acham confeccionados e circulam pelas mãos dos homens de sciencia de todos os paizes.

O microscopio não serve só para o homem d'estudo enriquecer os seus conhecimentos, serve tambem d'objecto de curiosidade e admiração ao vulgo. É a variedade do microscopio chamada microscopio solar, a que se emprega nos espectaculos que por differentes vezes se tem apresentado entre nós, onde toda a gente tem ido admirar um grande numero de objectos, como os animaes microscopicos do queijo, do vinagre, da agua, etc., etc., apresentados com grandes dimensões sobre alvos onde são vistos com toda a perfeição.

O microscopio pode ser simples ou composto. O primeiro tambem se chama lupia, consta d'uma ou mais lentes reunidas, ás quaes se applica o olhõ. O microscopio composto consta pelo menos de duas lentes, uma a ocular a que se applica o olho, outra a objectiva, que está proxima do objecto que se examina. O microscopio simples toma diversas denominações conforme a disposição que apresenta, assim se diz de Codrington, Stanhop, Gaudin, Raspail etc. O microscopio composto tambem tem a denominação dos seus constructores, e dizem-se de Le-rebours, Chevalier, Amici, Oberhauser, ou Nacet, porque cada constructor modifica as disposições do instrumento, não só nas combinações dos vidros que emprega como na forma do instrumento e nos accesorios.

Não entraremos na descripção dos differentes microscopios, porque enfastiaria muitos dos nossos leitores. Escrevemos este artigo só para dar idéa da importancia d'um instrumento que entre nós não está tão acreditado, nem tão conhecido como convém á sciencia. Despertar a curiosidade do leitor foi o nosso fim.

S.

Homem honesto é aquelle, que, embora perca tudo, salva a honra.

A ambição frequentes vezes nos obriga a sacrificar a honra.

O amor é um genero, em que só se admite troca; sujeital-o ás leis da compra e venda, é alterarlhe a essencia.



ESTUDO CRITICO.

## FAZER FORTUNA

DRAMA ORIGINAL EM 5 ACTOS

Por

ANTONIO DE LACERDA.

Continuação. (\*)

V

EMILIA (*lendo*) Minha irmã, a doce mãe dos afflictos ouviu-me, soccorreu-me... — o nosso bom pae vive; mas os seus labios raras vezes se abrem a não ser para resar pela que morreu.

Oh Emilia! Emilia! Onde estás, que não corres aos braços de tua pobre irmã, para, como outr'ora, cercarmos de amor e de cuidados o venerando ancião?

ACTO IV SCENA VI.

Deixámos no final do terceiro acto Aurelio dirigindo-se á prisão; é para aqui que o autor nos transporta no acto seguinte, e a scena representa ao subir do panno uma das salas communs, onde se encontra um grande numero de presos.

Não escaceiam n'este numero antigos conhecimentos nossos, e, apesar de poder ser considerada esta primeira scena, como um accessorio da acção principal, não deixa contudo de lhe estar ligada por varios pontos de contacto.

José do Souto de Magalhães, socio de Aurelio, tem encontrado no Brazil, em vez da fortuna com que contava para a desejada candidatura, uma prisão por falsificador e uma deportação, ou quem sabe se peor ainda; os aldeãos, que no primeiro acto tinham partido a fazer fortuna, depois de soffrimentos, que nem de longe poderíamos traduzir, encontraram uma prisão tambem, e todos, victimas de crimes, para que só em pouco teem contribuido, apparecem-nos expiando culpas, que outros mais poderosos tinham commettido, e cujo peso, como sempre, recaiu sobre os humildes.

Helas! on voit que de tout temps  
Les petits ont pati des sottises des grands.

A patria e a liberdade, os dois pensamentos mais gratos, que sorriem aos attribulados, não os desamparam no desalento extremo, e veem estender ainda as azas benificas sobre as cabeças affrontadas dos miseros.

N'aquellas horas de angustia, n'aquelles momentos de provação, veem sentar-se junto aos que soffrem e com entranhado carinho pensar-lhe as feridas d'alma, que tanto lhes sangram.

Um poeta disse:

Como as memorias da infancia  
Outras memorias não ha.

E nunca alma afinada pelos sons magicos da inspiração arrojou ao papel a expressão de um pensamento, que tanta verdade encerrasse.

(\*) Do num. 13.

Nas confissões pungentes das torturas da escravidão, misturaram-se, perfumando-as com aromas de preço incalculavel, as saudades da terra patria, a recordação dos parentes, a lembrança do antigo viver.

Cortando os queixumes de uns; os desvarios de outros, a quem a desgraça tem quasi endoidecido; os projectos de vingança de outros, deixam ouvir a triste melopeia das canções patrias, que soltaram n'outros tempos, tempos mais afortunados, nos bailes e festas da aldêa em que nasceram.

Se alguem ha, dos que teem emigrado, que ao visitar o lar paterno, na volta do desterro, encontrasse derrubadas pelas mãos dos tempos, ou devastadas pelas guerras civis, as casas em que viveu nos primeiros annos, ou os campos onde se entreteve nos primeiros folgares; se achou em vez dos rostos venerandos do ancião, a quem chamara pae, d'aquella que o trouxe no ventre, ou das feições queridas da primeira amante, umas cruces de madeira sobre a terra do cemiterio revolta de fresco, se então ao lembrar-se que uns e outros caíram sem que uma lagrima amiga se derramasse sobre as suas ruinas, ou mão extremosa lhes cerrasse os olhos, ouve uma voz sentida levantar-se, phantasma do passado, entregando ao vento as canções da mocidade, ou repetindo-lhe as palavras saudosas dos que estrêmeceu: se visitando as ruinas da casa antiga onde viveu annos de felicidade, descobre uma flor singela vegetando no meio da destruição, que nos diga esse, com que benções não cobre a voz do cantor ou a plantinha mesquinha, que lhe vem dar vida ao quadro de morte que tem diante de si, ou fallar-lhe ao coração de sentimentos que ahí lhe trasbordam, fartos de magoa e de saudades.

Se alguns existem, e infelizmente com as nossas guerras não serão poucos, os que em taes circumstancias se encontrem, esses que apreciem a encantada melancolia, que rescende d'esta scena, e d'aquella canção, mais nascida do sentimento que filha da vontade.

Esses que a apreciem, como nós, que é talvez uma das mais mimosas situações do drama, e que applaudam, como a platea o fez, a delicada sensibilidade, que o poeta por vezes, não poucas, deixa transparecer na sua obra.

Não esquece aos presos a esperança da fuga, nem os desampara o desejo de se vingarem d'aquelle, que os arrastou a tamanha desgraça.

Planeiam revoluções, contam com o auxilio dos guardas já comprados, e esperam do oiro, que lhe foi causa das desgraças todas, todos os meios de salvação.

Aurelio é o chefe da conspiração, Aurelio hade abrir-lhe as portas das prisões, e hade tambem n'essa hora de justiça pagar com a morte os danos todos que lhes tem causado.

Confiança em si e no seu oiro apparece n'este momento na prisão. Julgal-o-hiam antes juiz do que um reo. Levanta bem alto a cabeça criminosa, porque sabe, que advogando a sua causa está n'esse momento o grande potentado do seculo dezenove, o idolo de todas as eras, ante o qual os israelitas de todos os tempos teem sacrificado affeições e crenças.

A elle ainda deve os agradecimentos dos presos, e a elle o isolamento em que o deixam, entregue a seus pensamentos, seguir o curso phantastico dos projectos de ambição.

Este monologo, continuação do do terceiro acto, é onde se completa o desenho do typo de Aurelio. Aqui



porém vemol-o mais carregado de negras tintas, mais afeiado pelo cynismo, e pelo desprezo do que ha de mais sagrado no mundo, e como o anjo caído, é aqui que elle levanta mais arrojadas maldições contra o poder que o venceu, e que espera dominar ainda pelo oiro.

Torna-se repugnante, é verdade, n'estas circumstancias, o modo de dizer do contratador de escravos; porém uma vez apresentado o typo, era necessario que não discordasse no seguimento do drama, e que, harmonico em tudo, descesse por momentos á abjecção e infamia, que constituem o fundo d'aquelle homem asqueroso.

Poucos momentos depois de se elle retirar, para, em logar mais isolado, seguir o tenebroso fio das suas traças, Emilia entra na prisão.

Mulher, vem ver seu marido, e confortar-lhe os desalentos com as consolações da amisade sincera; irmã, vem cuidar da sorte da negra, que tambem tem sido presa com o senhor, e que se nega a accusar o homem que tanto tem amado.

A exaltação excessiva, que lhe notámos nos primeiros actos, tem degenerado em accessos de loucura, e é para receiar bastante, que a desventurada soffra essa morte moral, que apaga na creatura a centelha divina da intelligencia com que a dotou o Creador.

Uma das enfermeiras da negra faz chegar ás mãos de Emilia uma carta da terra. É de sua irmã, que se não esqueceu da perda, e que, á ventura, lhe escreve, com esperanças de poder ainda chamar ao tecto paterno a fugida que o abandonou.

Não nos atrevemos a paraphrasear a carta; é o trecho em todo o drama de maior mimo e sentimento.

Aquelle chamamento solemne da innocencia, que procura rehabilitar a culpada, attrahindo-a ao casto gremio; aquellas queixas magoadas, e aquelle reprehender que espera pela justificação da culpada, aquella irmã pura e santa, que volve olhos compadecidos para a irmã perdida e maculada, que lhe abre a estrada do arrependimento incitando-a a tentá-la, foram traduzidos de forma por todos os respeitos irreprehensivel. O autor tinha de se ver a braços com uma situação fortissima, onde o jogo de sentimentos, e o embate de paixões era fertil em peripecias, e conseguiu pelo modo mais feliz dominá-la, e sair d'aquelle escolho com gloria.

Amargurada ainda pela leitura d'aquelle carta, vem acrescentar as magoas da infeliz o seu fingido espose, que tendo deposto a mascara hypocrita com que resguardava tantas torpezas, apresenta-se-lhe como é, vil e mau, e arranca-lhe toda a esperança da alma, deixando-lhe saber que já era casado de ha muito, e que a sua recente união tinha sido uma impostura.

A este ultimo golpe, Emilia cede e cae como morta: Aurelio, a quem os gritos da revolta chamam, abandona-a; a confusão reina em toda a parte, os tiros, os gritos repercutem por todos os lados, e ao longe as lavaredas denunciam que os escravos sublevados lançaram fogo á prisão.

Ao entrar da justiça, que vem prender Aurelio como fautor da revolta, a negra, que se tem erguido da cama do soffrimento, presentindo desgraças para o que ama; precipita-se tambem na prisão. A sua loucura, abalada pelo perigo, mudou de ser, e tem-se erguido á altura das prophcias.

Não tresvaria, vê longe; não solta phrases sem sentido, profere agoiros e prophcias; e, sublime de energia e desespero, responde, como por esforço ul-

timo d'aquelle alma tão torturada, apontando para as chammas, aos que perguntam pelo contratador de escravos, com um vaticinio terrivel, em que revela que a humanidade está desaffrontada, e que o falsario e o negreiro soffreu o castigo que merecia: —

*Quem falla ahi no comprador de escravos?! não n'ó vêem ir navegando n'um lago de sangue para um de fogo?!*

Continua.

R. PAGANINO.

#### RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

#### XXXVI

De como João Dias de Carvalhal pediu licença para ir ver-se com o sr. D. Antonio.

João Dias de Carvalhal era um cidadão nobre desta cidade de Angra, e muito avisado, e seria homem de quarenta annos, e té o tempo que chegou Manuel da Silva sempre continuou no regimento da cidade, em o serviço do snr. D. Antonio, sem delle se presumir outra cousa, e era genro de Estevam Ferreira, que era o que foi com o padre frei Melchior, a Aveiro, na caravela de Gaspar Alveres. Tanto que chegou o ditto Manuel da Silva se foi a visitá-lo com os mais, mas foi so enganando ao ditto Manuel da Silva, dizendo quanto servidor era do snr. D. Antonio, chamando-lhe Rei, e engrandecendo ao ditto Manuel da Silva com palavras fingidas, e que elle era homem que não tinha nunca ido desta ilha para fora, e que se queria ir ver com sua magestade el rei D. Antonio, representar-lhe o zelo que tinha de o servir, e que queria andar em sua companhia, sem delle se apartar; e ponderou-lhe outras cousas mais, pediu lhe desse sua excellencia licença para ir naquellas naus que iam com o pastel dos mercadores. Vendo o ditto Manuel da Silva, e ouvindo o ditto de João Dias de Carvalhal e tendo ja noticia de quem elle era lhe deu licença, e lhe fizera quanto lhe pedira; o qual logo se embarcou; e chegando a Inglaterra ou França, sem ver o snr. D. Antonio nem fallar com elle, se foi logo para Lisboa a dar obediencia como vassallo a el-rei D. Filippo, e a requerer despachos, e dar desculpas por seu sogro Estevam Ferreira. E foi muito bem despachado com o habito de Christo, e seus filhos; e tanto que veio nova, o povo começou a murmurar delle, e de seu sogro, dizendo que elles, que juraram o snr. D. Antonio por rei, e que eram os principaes do regimento da terra, e que pouco a pouco se iam escusando, deixando gente nova no governo da terra. E logo começaram a ter Estevam Ferreira por rebelde, dizendo que era um enganador, e que tudo o que seu genro fizera eram traças suas, e se fez logo inventario da fazenda do ditto João Dias Carvalhal por dizerem ter incorrido em caso de lesa-magestade.

#### XXXVII

Dos aposentos que se tomaram para Manuel da Silva.

Depois de estar alguns dias o ditto Manuel da Silva no mosteiro, onde esteve té lhe aviarem os aposentos, foi para umas casas e quinta que estão dentro da cidade, que são do marquez D. Christovam



de Moura Cortereal, que são os melhores da cidade. Nestes aposentos estava Antonio Francisco, ouvidor e feitor do ditto marquez, que ja neste tempo era capitão desta ilha, e da ilha de S. Jorge, e lhos mandaram despejar com brevidade; e como eram aposentos velhos mas grandes e bons, e boa quinta de muitas arvores, e ribeira, que passa por dentro, e está ao pé do castello da ditto cidade. O ditto Manuel da Silva fez ao longo dos aposentos uma casa muita comprida de telha para estrebaria de cavallo, e nella estayam como 20 ou 25, com suas mangedouras, e tudo bem concertado, e nellas esteve té á vinda do Snr. D. Antonio, que veio no fim de julho do ditto anno de 82, o qual Manuel da Silva se servia como o proprio Snr. D. Antonio, e avantajado. A sua guarda era de francezes e inglezes; podia ser homem segundo seu aspecto de quarenta annos pouco mais: era muito dado a folgares, muito cubicoso de acquerir riqueza, muito namorado, não tinha partes de vir a ter bom fim; e elle foi parte da ilha vir a ter os trabalhos que lhe succederam, e padece hoje em dia, como adjante se dirá.

## XXXVIII

Como Manuel da Silva ordenou de fazer desembargadores, e meza da consciencia, e o mais que direi.

Como o ditto Manuel da Silva determinava de sentenciar homens á morte e outros casos e demandas crimes e despachos, e esta ilha não tinha commercio senão com França, Flandres, e Inglaterra, fez casa da supplicação de crimes e civil, meza dos desembargadores do paco, meza de consciencia. Nestes tribunaes serviam os licenceados Balthazar Alves Ramires, João Glz Correa, Domingos Pinheiro, Domingos Onzel, e depois que veio Gaspar de Gamboa o metteu no desembargo. Fez chanceler mor, escrivões, meirinho da corte; procurador do fisco o licenceado Francisco Vas Paes. Da meza da consciencia eram presidente o doutor mestre Agostinho: era da ordem de Santo Agostinho; e assim da mesma ordem era outro deputado frei Pedro da Madre de Deus; Manuel Glz de Antona, era clerigo, vigario de N. S. da Conceição; Amaro Lopes, que era thesoureiro mor da sé desta cidade; era escrivão Francisco Rodrigues. Havia casas e dias para os despachos, tudo por sua ordem, e na forma da Ordenação; e havia na cidade e ilha outros muitos letrados, mas já os tinham por suspeitos ao serviço do Snr. D. Antonio. Tanto que Ciprião de Figueiredo vio ao ditto Manuel da Silva, e o proceder d'elle, e suas desordens, foi se tirando de mandar, e se aquietou, té que veio o Snr. D. Antonio, e se foi com elle para França.

## XXXIX.

De como se degolou João de Bettencourt e foi o primeiro.

Determinou logo Manuel da Silva sentenciar todos os prezos, que estavam na cadeia, conforme suas culpas, como cada um merecia. Elle tinha seu voto derradeiro. Mandou vir as culpas de João de Bettencourt, e lhe mandou dar procurador que arrasou de sua parte, tudo com termos breves. Sentenciou se por adjunctos e dezembargadores que morresse. Foi lhe publicada a sentença, e logo mandaram que se confessasse. Isto era a terça feira vespera de quarta feira de cinza. Ao dia de cinza o foram tirar do carcere, aonde estava havia anno e meio, com os ir-

mãos da bandeira da Santa Misericordia. Saio do carcere vestido em um roupão azul, e o haviam degolar em a praça; e porque a sentença era que fosse degolado, e seus bens confiscados para a coroa, buscou sua mulher D. Maria quanta adberencia pôde, que ella tambem queria dar a parte que lhe tocava da sua fazenda, e que dessem a vida a seu marido. Nunca Manuel da Silva quiz, e já era tempo que o haviam de degolar, se escondeu, e Braz Dias Rodovalho, juiz ordinario, foi o que assistiu na execução, com os meirinhos e alcaides e mais officiaes e ministros da justiça. Estando o ditto João de Bettencourt já em cima do pelourinho, defronte do paco do concelho, e na praça, onde estavam mais de doze mil almas, entre homens, mulheres, e moços; levava elle uns embargos feitos, dizendo em elles, que ao tempo que fizera o motim e alvoroço na cidade estava doudo e sem juizo, porque o era ha tempos, e que sendo homem, que tinha já netos, se fez estudante no collegio dos padres da Companhia, mettendo se com os meninos da segunda classe a aprender latim, e que com os estudantes ia em corpo acarretar agua aos prezos, e o mais que nos embargos se tratava, e que por esta via se não podia fazer nelle execução. O juiz Braz Dias Rodovalho dice que elle não era mais que executor, que o não podia admittir aos embargos, que os fossem allegar ante o conde ou os que deram a sentença. Este fidalgo começou logo a fallar muitas cousas com agonia da morte de que estava cercado, e entre as mais dice: *Ah! cidadãos de Angra, e moradores della, Deus se lembre de vós*; e o algoz que era um mouro, já tornado christão, que se chamava o Ferreira, lhe deu a medo um golpe, porque constringidamente lho fizeram fazer, e fugio para traz: mandaram-lhe que depressa lhe desse outro, o qual o deu, e foi visto que nem do primeiro nem do segundo o incurtado fidalgo não fez movimento, nem com pé, nem com mão, nem cabeça, nem se bulio: e querem dizer e se affirma, que antes que o verdugo lhe desse o primeiro golpe elle era ja passado, e sua alma apartada do corpo; e eu fui testemunha de vista de tudo. Estando degolado, ou nesse acto, em acabando o verdugo de dar o segundo golpe, se armou um burburinho ou motim que começou a fazer um mancebo por nome Biliago, natural da ilha do Pico, de que houve trez mil espadas nuas, sem se determinar para quem, uns para os outros; e os juizes ordinarios e mais pessoas, e os padres postos em pé sobre o pelourinho, que se fóra isto antes de degolado se pudera presumir que o faziam por ordem dos parentes de João de Bettencourt, por o tomarem. E atinando-se sobre quem era o primeiro que arrancou, era o ditto Biliago, com outro mancebo; e logo foi prezo, e levado á cadeia, onde esteve por espaço de tempo. Este fidalgo era um homem tido por muito bom christão, amigo de Deus nosso Senhor, bem criado, nunca d'elle se sentio cousa que desse escandalo, muito continuo, e sua mulher e filhos no collegio dos padres da Companhia. Era filho de um Francisco de Bettencourt, que inda era vivo, e viveu depois muito tempo, e era natural da Villa da Prata, e casado com uma mulher nobre e bem aparentada.

Continua.

Vinho, oiro, e amigo quanto mais velho melhor.

O amor é o episodio mais bello no drama da vida humana.



GEOGRAPHIA.

O coronel Waugh communicou n'uma das ultimas sessões da Sociedade Asiatica, que terminara os seus calculos sobre a situação e altura do cume do Himalaya.

Resulta dos seus calculos que o pico mais elevado é o de Kauchinjingá, que tem sobre o nivel do mar 28.156 pés, ao passo que o Dawalagiri mede a altura de 26.826 pés.

A parte mais elevada da montanha Kauchinjingá está, segundo estas observações, entre o Kauchinjingá propriamente dito, e o Katmanda.

Espera a Sociedade Asiatica receber dentro em pouco tempo uma relação mais circumstanciada d'esta descoberta. Por ora nada mais se sabe do que o resultado da medição, e que o coronel deu a este ponto mais culminante o nome de Everest, que é o de um celebre chefe de geometras indios.

ARCHEOLOGIA.

Fizeram-se ha pouco varias excavações na ponta oriental da ilha grega de Santorin, para descobrir o logar onde esteve assentada a cidade de Oca, destruida por um tremor.

A sciencia augura, pelas primicias já recolhidas, abundante colheita para o estudo da historia.

Logo a pouca profundidade se encontrou um altar de pedra marmore, e sobre elle uma effigie já estragada.

Não longe do altar, estavam dois bustos, tambem de marmore, melhor conservados, varias inscrições, e uma cabeça de mulher, cujo tronco se procurava.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

- 186 Commodo de outro cirurgião.
- 187 Commodo do escrivão dos assentos.
- 188 Escada da serventia ao cirurgião e escrivão dos assentos.
- 189 Commodo do porteiro da casa da Fazenda.
- 190 Passagem publica dos medicos e cirurgiões.
- 191 Escadas particulares dos medicos e cirurgiões.
- 192 Portaria das ditas escadas.
- 193 Escada do uso das familias dos medicos e cirurgiões irem ouvir missa na igreja do Hospital.

Ahi fica a descripção da planta como a riscou o architecto Manuel Caetano de Sousa, quando se resolveu a accommodar o extincto Collegio a Hospital real. A arruinada igreja, cuja minuçiosa descripção já fizemos, era restaurada pelos desenhos da antiga. Para o poente da igreja construia-se uma nova fachada, igual á que hoje corre da igreja para o nascente. O templo ficava situado no centro. Nos dois extremos nascente e poente faziam-se dois magnificos torreões, com os quaes se rematava elegantemente o prospecto do edificio.

Pouco foi o que se fez de tudo isto. As obras do Hospital continuaram lentamente até ha poucos annos que o sr. Sequeira Pinto, seu actual enfermeiro-mór, lhe tem dado vigoroso e util impulso.

Hoje contém o Hospital as seguintes enfermarias: Santa Maria Magdalena (venerco, mulheres) — Santo Onofre (cirurgia, homens) — Santo Amaro (cirurgia, homens) — S. José (cirurgia, homens) — S. Sebastião (medicina, homens) — Santo Antonio (medicina, homens) — S. Roque (medicina, homens) — Santa Quiteria (cirurgia, mulheres) — Santa Margarida (cirurgia, mulheres) — S. João Baptista (cirurgia, homens) — S. Pedro (cirurgia, homens) — Santa Catharina (medicina, mulheres) — S. Carlos (cirurgia, homens) — Santa Barbara (partos e clinica medica) — S. Miguel (medicina, homens) — S. Francisco (cirurgia, homens) — Sant'Anna (medicina, mulheres) — Nossa Senhora do Carmo (medicina, mulheres) — e mais uma enfermaria de quartos particulares para homens, e outra dita para mulheres. Ha tambem o hospicio do Amparo, que serve para incuraveis.

Todas estas enfermarias tem mil duzentas e oitenta camas e coxias. Tem egualmente as suas casas para arrecadação de roupas, utensilios e fatos dos doentes, quartos para enfermeiros, e para ajudantes.

O edificio, na parte que olha para a cêrca, contém, além das accommodações antigas dos empregados, a escola medico-cirurgica, que está hoje onde foi a enfermaria dos Capuchos Arrabidos; a casa dos mortos, a padaria, o açougue, e a botica com os seus respectivos laboratorios.

No lado do poente fica assente a cosinha.

Na entrada principal ou parte sul, ficam no pavimento terreo a casa dos assentos, o banco e seus anexos. No pavimento superior está a contadoria, a pagadoria, o deposito de roupas e utensilios, e a sala das sessões.

Ha no edificio, em o pavimento onde estão os quartos para os padres do Hospital, e dos irmãos-maiores, uma capella que pertence á associação dos irmãos da caridade — os quaes todos os dias santificados andam pelas enfermarias a lavar, pentear, e cortar as unhas aos doentes.

O Hospital emprega no seu serviço:

Enfermeiro-mór, e seus adjuntos . . . . .	3
Empregados na contadoria, pagadoria, cartorio, casa dos assentos, fóro, secretaria da botica, etc. . . . .	33
Medicos . . . . .	14
Cirurgiões . . . . .	32
Padres . . . . .	8
Sachristães . . . . .	4
Irmãos-maiores . . . . .	3
Regente . . . . .	1
Enfermeiros (16 homens e 9 mulheres) . . . . .	25
Ajudantes (66 homens e 30 mulheres) . . . . .	96
Criados (61 homens e 13 mulheres) . . . . .	74
Parteiras . . . . .	4
Porteiros (6 homens e 2 mulheres) . . . . .	8
Pharmaceutico administrador da botica . . . . .	1
Ajudantes do dito . . . . .	3
Aspirantes ordinarios . . . . .	3
Ditos extraordinarios . . . . .	6
Barbeiros . . . . .	2
Cosinheiro . . . . .	1
Ajudante do dito . . . . .	1
Costureiras . . . . .	6
Lavadeiras . . . . .	21



E para não terminarmos este assumpto do Hospital sem relatarmos as commodidades que ahi encontram os doentes que n'elle se recolhem, seja-nos permittido continuar ainda esta nossa digressão.

As camas dos doentes são compostas de barras de ferro na maior parte, de um enxergão de palha de centeio, um travesseiro com sua fronha, dois lençoes, dois cobertores e uma coberta de chita azul.

De um lado da cabeceira de qualquer d'estas camas ha uma banquinha coberta d'uma toalha, e sobre a banquinha está um pucaro de estanho para agua, com sua tampa, e um escarrador tambem de estanho.

Cada uma d'estas banquinhas tem de cada lado uma prateleira para guardar o seu talher, e algum objecto d'uso particular do doente.

Do outro lado da cama ha uma caixa, que serve de retrete, convenientemente tapada, podendo servir de assento para os que se levantam.

Sobre esta caixa tem, quando estão deitados, um ourinol de estanho, ou de vidro quando o caso o pede.

Sobre a cabeceira de cada cama, e logo por baixo do numero d'ella, ha um caixilho com seu vidro, onde está posta uma *papeleta* com o nome, e mais circumstancias que dizem respeito ao doente, e assim tambem a relação dos objectos que trouxe para a enfermaria.

Estas *papeletas* servem igualmente para o receptuario, dietas, nomes de molestias, designação de operações e seus processos, e para se assentar o estado em que o doente sac, ou o dia e a hora do seu fallecimento.

Cada doente tem um barrete de linho e um capote de panno grosso, com mangas, para pôr nos hombros, quando assentado na cama, e vestir, quando se levanta.

Achando-se o doente n'este estado, o Hospital fornece-lhe calças, jaqueta de panno, e sapatos.

A roupa é mudada nos casos ordinarios de oito em oito dias.

Nos doentes immundos todas as vezes que o precisam.

Todos os dias de manhã ás seis horas no verão, e ás seis e meia no inverno, começa a limpeza das enfermarias, arránjo das camas, mudança de roupas, despejo de ourinoes, retretes e escarradores, lavagem e aceio dos doentes immundos.

Duas vezes por dia, pelo menos, são as enfermarias defumadas com vapores desinfectantes.

Os remedios dão-se tres vezes ao dia, quando os casos não exigem mais; antes da limpeza, ás dez horas e meia da manhã, e ás cinco horas da tarde.

A comida distribue-se em tres refeições: almoço no verão ás sete e meia, e no inverno ás oito horas; jantar ao meio-dia; ceia ás sete no verão, e ás seis horas da tarde no inverno.

O pão e viveres são todos os dias inspeccionados pelos facultativos.

As dietas são em numero de seis, e constam do seguinte:

1.<sup>a</sup> dieta: — Cinco caldos de 6 onças.

2.<sup>a</sup> dieta: — Almoço, 2 onças de pão, e 6 de caldo.  
Jantar, 6 onças de arroz.

Ceia, 4 onças de arroz.

À uma hora da noite, 6 onças de caldo.

3.<sup>a</sup> dieta: — Almoço, 2 onças de pão, e 6 de caldo.  
Jantar, 2 onças de pão, 2 de carne, e 6 de caldo.

Ceia, 6 onças de caldo, e 6 de arroz.

À uma hora da noite, 6 onças de caldo.

4.<sup>a</sup> dieta: — Almoço, 2 onças de pão, e 6 de caldo.  
Jantar, 2 onças de pão, 3 de carne, e 6 de caldo.

Ceia, 2 onças de pão, 3 de carne, e 6 de caldo.

5.<sup>a</sup> dieta: — Almoço, 2 onças de pão, 6 de caldo, ou 6 de caldo de farinha, ou 6 de sopa, ou 6 de açorda.

Jantar, 4 onças de pão, 2 de carne, e 6 de arroz.

Ceia, 2 onças de pão, 12 de arroz.

6.<sup>a</sup> dieta: — Almoço, 4 onças de pão, 12 de caldo, ou 12 de caldo de farinha, ou 12 de sopa, ou 12 de açorda.

Jantar, 8 onças de pão, 4 de carne, e 12 de arroz.

Ceia, 4 onças de pão, 12 de arroz.

As dietas 3.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> podem ter carne assada.

As dietas 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> podem ter, debaixo das mesmas quantidades, ao jantar e á ceia sopa, açorda, arroz, macarrão, legumes ou quaesquer vegetaes que os facultativos ordenem.

Esta tabella não vigora para os doentes dos quartos particulares, aos quaes os facultativos abonam tudo quanto lhes parece conveniente.

Depois do jantar, até ás tres horas da tarde, ha silencio, conservando-se as portas e janellas cerradas em todas as enfermarias, para os doentes repou-sarem.

O serviço clinico das enfermarias é feito em cada uma pelo seu facultativo director, acompanhado pelo respectivo enfermeiro e todos os ajudantes.

O enfermeiro vae notando n'uma pedra todas as alterações que o facultativo julga necessarias, quer em remedios, quer em dietas, para este depois transcrever, verificar, rubricar.

Os facultativos dão uma parte mensal para a administração do Hospital da maneira como os empregados cumprem os seus deveres.

Podem tambem n'estas partes mensaes propor qualquer melhoramento que lhes occorrer para bem dos seus enfermos.

Os facultativos directores das enfermarias são dez-oito — sete medicos, quatro para homens, e tres para mulheres; e onze cirurgiões, sete para homens, e quatro para mulheres.

Ha além d'estes mais quatro para as visitas dos quartos particulares.

Todas as quintas feiras e domingos, das nove as dez horas da manhã, se reúnem em junta dois medicos e dois cirurgiões, que por escala são nomeados d'entre os directores das enfermarias para examinar e receitar a todo e qualquer doente que de fora os vá consultar.

No impedimento legal d'algum dos directores de enfermarias compete aos facultativos extraordinarios fazer as suas vezes. Estes são vinte e quatro, sete medicos e dezeseite cirurgiões.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

A urna eleitoral, quando não é tão pura como uma vestal, não exprime o voto nacional.

O empregado, com pequeno ordenado, que vive com luxo, se não herdou, furtou.